

Resenhas

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social.**

São Paulo: Parábola, 2009.

Márcia Moreira Pereira*

marcia.moreirapereira@gmail.com

*Possui graduação em Letras pela Universidade Nove de Julho e Pós-Graduação *lato sensu* em Tradução: Inglês-Português, pela mesma universidade. Atualmente faz Mestrado em Educação na Universidade Nove de Julho e atua como professora de língua portuguesa na rede pública de ensino.

Um dos temas mais discutidos na relação escola-cidadão, atualmente, é a questão do letramento. Desde os estudos precursores, no Brasil, de Magda Soares, o letramento vem sendo cada vez mais debatido e ampliado, como comprova o mais recente livro de Roxane Rojo (*Letramentos múltiplos, escola e inclusão Social*. São Paulo: Parábola, 2009).

Doutora em linguística aplicada ao ensino línguas pela PUC- SP e professora do curso de letras e do programa de pós-graduação em linguística aplicada da UNICAMP, Roxane Rojo tem se dedicado a pesquisas, consultorias e assessorias junto a entidades públicas e privadas relacionadas à educação, tendo se empenhado, ultimamente, nos estudos acerca do letramento e suas derivações.

Seu livro inicia-se pelo relato do insucesso da escola nas práticas de ensino, explora as diferenças que há entre a aprendizagem do cidadão dentro e fora da escola e analisa a importância do contato do indivíduo com os diversos meios de leitura e práticas sociais. Por meio de gráficos e dados diversos, a autora compara o crescimento nos níveis de leitura, comparando-o ainda à educação das últimas décadas e ressaltando a melhoria na educação brasileira, em razão de alguns programas de

incentivo governamentais (PNLD, PNLEM, PNBE, PROUNI etc.). Tais recortes, contudo, não dispensam uma visada crítica, em que a autora destaca o insucesso escolar apontado por alguns indicadores, como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA, 2000), segundo o qual os brasileiros obtiveram um dos piores resultados no âmbito educacional global: “[...] isso vem demonstrar, explica a autora, que a escola – tanto pública como privada, neste caso – parece estar ensinando mais regras, normas e obediência a padrões lingüísticos que o uso flexível e relacional de conceitos, a interpretação crítica e posicionada sobre os fatos e opiniões, a capacidade de defender posições e protagonizar soluções, apesar de ‘a nova LDB já ter doze anos’.” (p. 33)

Tratando especificamente do tema do livro e apoiando-se nos conceitos elaborados por Magda Soares, Roxane Rojo lembra que o alfabetismo é, na verdade, “[...] um conceito que disputa espaço com o conceito de letramento(s). Se tomarmos a alfabetização como a ‘ação de alfabetizar, de ensinar a ler e escrever’, que leva o aprendiz a conhecer o alfabeto, a mecânica da escrita/leitura, a se tornar alfabetizado, alfabetismo pode ser definido como ‘o estado ou condição de quem sabe ler e escrever’.” (p. 44). Nesse sentido, afirma, especificando melhor o conceito de letramento: “[...] para ler (...) não basta conhecer o alfabeto e decodificar letras e sons da fala. É preciso também compreender o que se lê, isto é, acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo com os temas do texto, inclusive o conhecimento de outros textos/discursos (intertextualizar), prever, hipotetizar, inferir, comparar informações, generalizar. É preciso também interpretar, criticar, dialogar com o texto: contrapor a ele seu ponto de vista, detectando o ponto de vista e a ideologia do autor, situando o texto com seu contexto.” (p. 44)

Assim, os primeiros capítulos de seu livro abordam a questão dos índices de alfabetismo e a leitura, aprofundando-se nestes assuntos e levando a autora a retomar o tema da responsabilidade da escola em não

só alfabetizar, mas também *letrar*, a fim de que o aluno aprenda com significado. Rojo ainda expõe alguns tipos de práticas e habilidades de leitura e, mais adiante, de habilidades de escrita; e, relacionando ambos, leitura e escrita, explica: “[...] como a leitura, a escrita ou produção de textos também envolve uma multiplicidade de capacidades ou competências e habilidades desenvolvidas ao longo da educação básica, se não ao longo da vida, e que foram sendo investigadas e abordadas paulatinamente pelas teorias e pesquisas.” (p. 83)

O estudo permeia toda uma discussão acerca da atual situação do ensino no Brasil, questionando sobre o significado das práticas e das teorias para o aluno. Nesse sentido, a autora alerta: “[...] a formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos (ditos ‘competências e habilidades’), a preparação científica e a capacidade para utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação.” (p. 89). Por isso, completa, “[...] trata-se agora de dar conta das demandas da vida, da cidadania e do trabalho numa sociedade globalizada e de alta circulação de comunicação e informação, sem perda da ética plural e democrática, por meio do fortalecimento das identidades e da tolerância às diferenças” (p. 89/90)

Na sequência, a autora discute a conceito de letramento, em oposição ao de alfabetismo, afirmando que “o termo alfabetismo tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos e escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica, enquanto o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrendo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural.” (p. 98). Ainda citando Magda Soares, a autora enfatiza a distinção entre o que

considera as versões fraca e forte do conceito de letramento. A versão fraca “[...] estaria ligada ao enfoque autônomo, é (neo) liberal e estaria ligada a mecanismos de adaptação da população às necessidades e exigências sociais do uso da leitura e escrita, para funcionar em sociedade” (p. 100). Já a versão forte “[...] seria revolucionária, crítica, na medida em que colaboraria não para adaptação do cidadão às exigências sociais, mas para o resgate da autoestima, para construção de identidades fortes para a potencialização de poderes [...]” (p.100)

A partir dessas distinções, e baseando-se nas ideias de M. Hamilton, Roxane Rojo passa a analisar o conceito central do livro, a idéia de *multiletramentos* ou *letramentos múltiplos*, considerando, na mais típica ideologia freiriana, que não devemos ignorar o mundo do aluno, devendo ensiná-los por meio dele: “[...] muitos dos letramentos que são influentes e valorizados na vida cotidiana das pessoas e que têm dupla circulação são também ignorados e desvalorizados pelas instituições educacionais” (p. 106). Desse modo, enfatiza, finalmente, a importância das redes sociais no ensino: para a autora, a escola, em vez de considerar esses meios como ferramenta para aproximação do aluno, ignora que os adolescentes de hoje se comunicam pelo que chama de “internetês”, modalidade discursiva que deveria ser incluída – e não ignorada – no ensino: “[...] “um dos objetivos principais da escola é justamente possibilitar que seus alunos possam participar das **várias** práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita (letramentos) na vida da cidade, **de maneira ética, crítica e democrática**” (p. 107). Segundo a autora, para fazê-lo, é preciso que a educação lingüística leve em conta hoje, de maneira ética e democrática: os multiletramentos ou letramentos múltiplos, letramentos multissemióticos e os letramentos críticos e protagonistas.

Roxane Rojo finaliza o livro colocando em foco a necessidade de escola e aluno andarem juntos, não de modo distante, metodológico, mas

sim de forma realista e prática, e sempre, é claro, balizados pelo valor ético.

Enviada em 16 de fevereiro de 2011

Aprovada em 10 de março de 2011